

A ERA DO NARCISISMO: CONDUTAS NARCÍSICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Amanda Ullrich¹

Guilherme Aparecido da Rocha²

RESUMO: O tema da presente pesquisa é a presença do narcisismo na pós-modernidade. O estudo acerca da sobrevalorização dos filhos pelos pais é um elemento que não pode ser desprezado no processo educacional, porque trata da formação humana e gera dificuldades não apenas ao indivíduo, mas também à coletividade envolvida nas etapas de formação da pessoa. A problematização consiste na identificação de como o narcisismo está presente na atualidade. Precisamente, busca-se identificar a interferência parental na formação do padrão de comportamento em análise, bem como as consequências geradas na contemporaneidade. Pretende-se advertir sobre a provável banalização das condutas da sociedade pós-moderna, expressão utilizada a partir da concepção sociológica de Zygmunt Bauman. O método de pesquisa adotado é o hipotético-dedutivo, mediante instrumento qualitativo e ampla análise bibliográfica.

Palavras-chave: Narcisismo; Educação; Psicologia.

ABSTRACT: The theme of this research is the presence of narcissism in postmodernity. The study on the overvaluation of children by parents is an element that cannot be overlooked in the educational process, because it deals with human formation and creates problems not only in the individual, but also in the community involved in the person's training stages. A problematization consists in the identification of how narcissism is present today. Precisely, try to identify parental interference in the formation of the behavior pattern under analysis, as well as consequences generated in contemporary times. It is intended to announce about a probable trivialization of the conduct of postmodern society, an expression used based on the sociological use of Zygmunt Bauman. The research method adopted is the hypothetical deductive, using the qualitative instrument and extensive bibliographic analysis.

Keywords: Narcissism; Education; Psychology.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo está fadado à fluidez de valores e à desumanização, em decorrência não somente da desvalorização do altruísmo, mas também da valorização exacerbada do próprio eu. Habita-se, hoje, na era do imediatismo, do egoísmo e do predomínio

¹ Graduanda do curso de Psicologia, Faculdade Galileu – Botucatu/SP.

² Doutorando e Mestre em Direito pela Universidade de Marília. Especialista em Direito Tributário pela PUC/MG. Professor das Faculdades Gran Tietê (Barra Bonita/SP), Galileu (Botucatu/SP) e Anhanguera (Jaú/SP). Procurador da Câmara Municipal de Jaú.

dos interesses pessoais perante a indiferença com o próximo. À vista disso, emerge o tema do presente artigo, que trata da presença do narcisismo na pós-modernidade.

As condutas supracitadas são apenas algumas das consideradas “normais” na sociedade pós-moderna, no entanto, pretende-se averiguá-las sob uma nova perspectiva, visto que esses comportamentos podem, na realidade, conter indícios patológicos. A propósito disso, propõe-se enfrentar o problema de identificar como o narcisismo está presente nos dias atuais, visando uma comparação entre as características narcísicas e as condutas correlatas vigentes.

O objetivo dessa pesquisa é advertir sobre a provável banalização das condutas da sociedade pós-moderna, através da reflexão sobre as novas configurações psíquicas dos indivíduos e suas prováveis relações com o narcisismo explanado na teoria psicanalítica. Haja vista o demasiado investimento no próprio eu e a precarização dos laços sociais na pós-modernidade, aproximando-se do que Sigmund Freud, neurologista austríaco, descreveu como narcisismo em 1914.

No primeiro capítulo, aborda-se a definição de narcisismo, bem como discorre-se acerca da evolução do termo. Na sequência, abordam-se práticas narcisistas no âmbito da psicologia. E na derradeira etapa de desenvolvimento, analisa-se o narcisismo contemporâneo, oportunidade em que se verifica o papel da educação familiar como determinante à condução de comportamentos dessa natureza.

O tipo de pesquisa adotado para elaboração do presente trabalho é o bibliográfico, a partir da análise de diversos artigos e livros de autores como: Sigmund Freud, Zygmunt Bauman, Le Poulichet, Alexander Lowen, entre outros. Valendo-se, assim, do instrumento qualitativo e do método hipotético-dedutivo.

1. O QUE É NARCISISMO: DA ORIGEM DO TERMO À OCORRÊNCIA

O termo “narcisismo” advém da Mitologia Grega, que narra a história de Narciso, um jovem muito belo, que atrai o amor da ninfa Eco. Todavia, Narciso despreza esse amor, e por isso, é submetido a apaixonar-se pela sua própria imagem ao olhar para o seu reflexo nas águas de um lago (KURY, 1999). Assim, o “mito de Narciso” evidencia uma abordagem correlata ao conceito de narcisismo que conhecemos no contexto atual, pois retrata a viabilidade de um indivíduo enamorar-se por si mesmo.

Em 1898, Havelock Ellis foi o primeiro a efetuar uma alusão ao mito de Narciso, inserindo o termo “narcisismo” na Psicanálise. Com o intuito de designar os indivíduos que

possuíam certa atração sexual pelo próprio corpo, ele usou o termo "narciso-like" em referência a masturbação excessiva, onde o indivíduo enxerga o seu próprio corpo como objeto sexual.

Posteriormente, Paul Näcke foi o primeiro a utilizar o termo no campo psiquiátrico, em um estudo sobre perversões sexuais. Segundo Freud “o termo ‘narcisismo’ [...] foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (2010, p. 10)

Dessa forma, nota-se que o termo “foi originalmente introduzido para explicar o comportamento de pessoas que derivam excitação erótica da contemplação, carícias e afagos em seus próprios corpos. Tal comportamento era considerado uma perversão” (LOWEN, 1983, p. 35). Hoje em dia, a expressão é utilizada para designar o indivíduo que retém uma paixão exorbitante por si mesmo, além de apresentar uma demasiada admiração pela sua própria imagem.

De acordo com a Psicanálise, o transtorno pode estar presente desde os primeiros anos da infância, sendo resultado de uma desordem libidinal. O narcisismo é um atributo natural aos indivíduos, pois está diretamente associado ao desenvolvimento da libido. No entanto, o narcisismo pode converter-se em um quadro patológico, quando torna-se excessivo e descontrolado, alterando, dessa forma, as condutas dos indivíduos frente às questões éticas e culturais, além de prejudicar seu relacionamento interpessoal. A partir disso, Freud elabora a seguinte questão:

[...] de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar (FREUD, 2010, p. 20).

Consoante Sigmund Freud (2010), o narcisismo é fragmentado em dois estágios: narcisismo primário e narcisismo secundário. Nesse contexto, é importante compreender que “[...] uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos auto eróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (FREUD, 2010, p. 13). Desse modo, nota-se que “originalmente, não existe uma unidade comparável ao eu; este só se desenvolve muito progressivamente [...]” (POULICHET, 1989, p. 48).

No princípio da vida, o corpo é apenas um organismo desorganizado, estimulado a partir das pulsões. Porém, com o passar do tempo, esse organismo passa do estágio desorganizado (autoerotismo), para um estágio que remete à primeira organização do “eu”, a partir da primeira representação do indivíduo, que é derivada da identificação inicial. Essa identificação, por sua vez, acontece por meio do contato do indivíduo com as ações de outros seres humanos, assim, na maioria dos casos, as figuras parentais causam ao indivíduo a primeira imagem unificada de si mesmo (FREUD, 2010).

Quando existe a conscientização da existência do próprio eu, formam-se as estruturas psíquicas, e a partir disso, surge a possibilidade de investimento da libido. Em verdade,

quando o bebê já é capaz de diferenciar seu próprio corpo do mundo externo, ele identifica suas necessidades e quem ou o que as satisfaz; o sujeito concentra em um objeto suas pulsões sexuais parciais, há um investimento objetal, que em geral se dirige para a mãe e o seio como objeto parcial (MOURA, 2009, p. 1).

Assim, tem-se que após a efetivação desse estágio, que é pertencente ao processo de desenvolvimento da personalidade do indivíduo, onde este é capaz de discernir o que é ele mesmo (eu) do que é externo a ele (não eu), “os investimentos libidinais podem ser direcionados ao próprio ego ou aos objetos. Quando a libido é investida no ego, diz-se libido do ego ou libido narcísica” (FREUD *apud* ARAÚJO, 2010, p. 80).

A partir das definições supracitadas pode-se compreender melhor a distinção entre o narcisismo primário e o secundário. O narcisismo primário ocorre quando a criança investe toda a sua libido em si mesma, “o primeiro modo de satisfação da libido seria o auto-erotismo, isto é, o prazer que um órgão retira de si mesmo [...]” (POULICHET, 1989, p. 48). Nesse momento, ainda não há uma unidade comparável ao eu, e as pulsões, independentes entre si, buscam a satisfação auto erótica no corpo do indivíduo. Assim, “os objetos então investidos pelas pulsões são as próprias partes do corpo” (POULICHET, 1989, p. 48).

À vista disso, é indispensável a reflexão sobre a interferência parental no desenvolvimento do narcisismo primário. Haja vista que, os pais, frequentemente, são levados a atribuir à criança todas as perfeições, omitindo, desse modo, todos os seus defeitos. Aos olhos dos pais, a criança deve ter uma vida melhor do que a que eles tiveram, e não podem, de forma alguma, sofrer frente às necessidades ou suplícios da vida. Além disso, é transferida para a criança a responsabilidade de concretizar os sonhos dos seus pais que ainda não foram realizados (FREUD, 2010). Assim, chega-se à conclusão que:

quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado [...], a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva (FREUD, 2010, p. 25).

Nesse contexto, tem-se que os pais exercem atitudes equivocadas em relação aos filhos, haja vista a proteção exagerada frente os impasses comuns, a supervalorização de qualidades, e a projeção dos seus desejos reprimidos na criança. Assim, observa-se que “[...] no ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança” (FREUD, 2010, p. 25).

Logo, infere-se que “o amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (FREUD, 2010, p. 25). Dentro dessa mesma perspectiva, o narcisismo primário “não é nada mais que a onipotência dos pais invertida. É a partir da onipotência dos pais, vivida com o tal pela criança, e de sua introjeção, que os estados narcísicos megalomaniacos da criança podem ser compreendidos” (LAPLANCHE *apud* SAMPAIO, 2013, p. 61).

Em contrapartida, o narcisismo secundário acontece a partir do investimento na imagem do eu, sendo essa imagem formada através das identificações do eu com as imagens dos objetos. Nesse estágio, o indivíduo investe a sua libido nos objetos e, posteriormente, esse investimento retorna ao seu próprio eu. Destarte, o narcisismo secundário é apreendido como aquele “que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (FREUD, 2010, p. 11).

Entende-se, portanto, que “[...] é necessário que se produza um retorno do investimento dos objetos, transformando em investimento do eu, para que se constitua o narcisismo secundário” (POULICHET, 1989, p. 50-51). Isto posto, vale ressaltar que:

de modo especialmente nítido em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, [...], descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de narcísico [...] (FREUD, 2010, p. 22).

Outrossim, é cabível salientar que o narcisismo, por vezes, procede da noção de inferioridade desenvolvida pelos seres humanos, em decorrência da não aceitação do seu verdadeiro “self”, ou seja, da negação daquilo que realmente são. Assim, pode-se afirmar que a “auto-aceitação é o que está faltando nos indivíduos narcisistas, que dissociaram seus corpos,

de modo que a libido é investida no ego e não no corpo ou self. Sem auto-aceitação não há amor do self” (LOWEN, 1983, p. 37).

Nesse contexto, o transtorno em questão se distende de uma “fusão, na criança pequena, do self ideal, do objeto ideal, e das imagens reais do próprio indivíduo como uma defesa contra uma realidade intolerável na área interpessoal” (KERNBERG *apud* LOWEN, 1983, p. 17). Tem-se, portanto, que o narcisismo “indica uma perturbação da personalidade caracterizada por um investimento exagerado na imagem da própria pessoa à custa do self [...]” (LOWEN, 1983, p. 9). Desse modo,

ao dissociarem o ego do corpo ou self, os narcisistas separam a consciência do seu alicerce vivo. Em vez de funcionar como um todo integrado, a personalidade é dividida em duas partes: um “eu” (o ego) ativo e observador, com o qual o indivíduo se identifica, e um objeto passivo, observado (o corpo) (LOWEN, 1983, p. 36).

Logo, o narcisismo, associado diretamente com o autoerotismo, vale-se da convergência do instinto sexual sobre o próprio corpo, de modo que "a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo." (FREUD, 2010, p. 98). Dessa forma, os narcisistas prendem-se a sua própria imagem, e confundem o que realmente são (“self”) com o que gostariam de ser (“self ideal”), logo, por meio da identificação com a imagem idealizada e perda da imagem real, "o sujeito comporta-se como se estivesse amoroso de si próprio" (FREUD *apud* MARCOS, 2016, p. 10).

2. PRÁTICAS NARCISISTAS NO ÂMBITO DA PSICOLOGIA

A desordem narcisista da personalidade caracteriza-se, atualmente, por "[...] um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia [...]" (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). O indivíduo que possui o transtorno:

tem uma sensação grandiosa da própria importância [...]. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal [...]. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada. [...]. Demanda admiração excessiva. [...]. Apresenta um sentimento de possuir direitos (i.e., expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou que estejam automaticamente de acordo com as próprias expectativas). [...]. É explorador em relações interpessoais (i.e., tira vantagem de outros para atingir os próprios fins). [...]. Carece de empatia: reluta em

reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros. [...]. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam. [...]. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Contudo, faz-se necessário esclarecer que “a desordem narcisista da personalidade” ainda é um diagnóstico raro, embora as condutas narcísicas estejam em um momento de ascensão (DONALD *apud* GALINDO, 2017). Entre essas condutas, está a demasiada preocupação consigo mesmo ou, de forma mais específica, com a imagem que o narcisista transmite aos outros. Diante disso, “[...] seu desempenho – social, sexual, e profissional – parece eficiente demais, mecânico demais, perfeito demais para ser humano. Elas funcionam mais como máquinas do que como pessoas” (LOWEN, 1983, p. 10).

Em decorrência da ausência de amor próprio, eles utilizam outros indivíduos para “confirmar” esse amor, e assim, acentuarem a sua importância ou simplesmente validarem a sua autoestima. Por isso, estão frequentemente sujeitos à dependência, por meio da constante necessidade de aprovação, reconhecimento ou admiração. Desse modo, eles “estão mais preocupados com o modo como se apresentam do que com o que sentem [...]” (LOWEN, 1983, p. 9). A partir disso, pode-se constatar que:

sem a aprovação e admiração de outros, o ego narcisista esvazia-se, pois não está ligado ao amor do self nem é por este alimentado. Por outro lado, a admiração que o narcisista recebe apenas expande seu ego; nada faz pelo self. No final, pois, o narcisista rejeitará os admiradores, tal como rejeitou o verdadeiro self (LOWEN, 1983, p. 38).

Outra característica narcisista evidente é a ausência de empatia, eles ultrapassam os limites do respeito e dignidade humana em prol dos seus próprios interesses, são capazes de realizar qualquer tipo de ação (sem medir os danos ou prejuízos aos próximos) para a sustentação da sua imagem como indivíduo “superior”. Dessa forma, “agindo sem sentimento, tendem a ser sedutores e ardilosos, empenhando-se na obtenção de poder e de controle. São egoístas, concentrados em seus próprios interesses [...]” (LOWEN, 1983, p. 9). Para melhor compreensão dessa característica, Lowen salienta que:

[...] os narcisistas não sofrem de um superego severo e rígido. Muito pelo contrário. Eles parecem carecer do que poderia ser considerado até um superego normal, fornecendo alguns limites morais ao comportamento sexual e a outros. Sem um senso de limites, eles tendem a “transformar em atos” os seus impulsos. Há uma ausência de moderação em suas reações às pessoas e situações (LOWEN, 1983, p. 19).

Pode-se dizer, de modo geral, que os narcisistas “apresentam várias combinações de ambição intensa, fantasias de grandeza, sentimentos de inferioridade, e excessiva dependência da admiração e aprovação externas” (KERNBERG *apud* LOWEN, 1983, p. 16). Também são características [...] “a incerteza crônica e a insatisfação consigo mesmos, exploração e desumanidade conscientes ou inconscientes em relação aos outros” (KERNBERG *apud* LOWEN, 1983, p. 16).

Entende-se por empatia a qualidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, ou seja, de compreender a subjetividade de outrem. Diante disso, torna-se indispensável a habilidade de enxergar o mundo através do referencial do outro, sem juízos preconcebidos. Assim, o narcisismo pode ser qualificado como uma oposição à empatia, na medida que “[...] descrevemos um narcisista como uma pessoa que está preocupada consigo mesma, com exclusão de todos os outros” (LOWEN, 1983, p. 16).

A partir disso, e após o esclarecimento das condutas narcisistas, compreende-se que a falta de empatia é uma característica inerente ao narcisismo. Em consonância, está presente a utilização de outros indivíduos em decorrência de ganhos pessoais, a necessidade de sentir-se eminente frente aos outros, e a indisposição para entender ou simplesmente enxergar o próximo. De maneira lacônica, pode-se dizer que existe, indubitavelmente, a ausência de humanidade.

Por humanidade, entende-se o sentimento de bondade, benevolência, em relação aos semelhantes, ou de compaixão, piedade, em relação aos desfavorecidos. Logo, evidencia-se o princípio da empatia, da percepção e compreensão em relação aos outros. À vista disso, “em nível cultural, o narcisismo pode ser considerado como perda de valores humanos – uma ausência de interesses pelo meio ambiente, pela qualidade de vida, pelos seres humanos seus semelhantes [...]” (LOWEN, 1983, p. 9). Diante disso, Lowen esclarece que:

os narcisistas podem ser identificados por sua falta das melhores qualidades humanas: ternura, compaixão, solidariedade. Não sentem a tragédia de um mundo ameaçado por um holocausto nuclear, nem a tragédia de uma vida consumida tentando provar seu valor a um mundo indiferente (LOWEN, 1983, p. 10).

Nessa conjuntura, tem-se que o indivíduo narcisista pode, efetivamente, realizar ações ríspidas contra outros, sem se importar com as devidas consequências dos seus atos, uma vez que negam qualquer tipo de sentimento ou afeto. Segundo Figueiredo, citado por Cardoso, “a ameaça de destruição da humanidade cedeu lugar a uma cultura do individualismo esquizóide, na qual, entre mortos e feridos, todos nos salvamos, cada um na sua e nada entre nós” (2019). Logo, tem-se que:

a negação de sentimento, característica de todos os narcisistas, é sumamente manifesta em seu comportamento em relação a outros. Eles podem ser cruéis, exploradores, sádicos ou destrutivos para com outra pessoa porque são insensíveis ao sofrimento ou sentimento de outrem (LOWEN, 1983, p. 53).

No entanto, para um melhor entendimento dessa conduta, é importante a compreensão de sua causa. De acordo com Lowen,

essa insensibilidade deriva de uma instabilidade para com os próprios sentimentos da pessoa. A empatia, a capacidade de sentir os sentimentos ou estados de ânimo de outra pessoa, é uma função de ressonância [...] se somos incapazes de sentir tristeza ou alegria, não podemos reagir a esses sentimentos em outra pessoa e poderemos até duvidar que ela tenha tais sentimentos [...] (LOWEN, 1983, p. 53).

Infer-se, portanto, que os narcisistas apresentam diversas posturas frente à sociedade que interferem diretamente em seus vínculos sociais. A ausência de empatia é considerada uma característica marcante nesses indivíduos, uma vez que desencadeia a desumanização. Diante disso, tem-se que a humanidade não pode ser exercida sem amor próprio e muito menos perante a ausência do amor ao próximo, diante dessas duas hipóteses, pode-se designar o ser humano exclusivamente pela expressão inspirada pelo dramaturgo romano Plauto: "todo homem é inimigo de todo homem" (HOBBS, 2003, p. 109).

Nesse âmbito, é fundamental compreender que para amar o próximo, o indivíduo deve amar primeiramente a si próprio, além de se autoconhecer, reconhecendo a possibilidade de não ser perfeito e aceitando as possíveis frustrações. Nota-se, assim, que o motor chave da desumanização narcisista consiste na ausência de amor próprio, na negação do verdadeiro "self" e na busca insaciável pela perfeição.

3. NARCISISMO CONTEMPORÂNEO

Contemporaneamente, há uma evidente alteração na construção psíquica dos indivíduos. Tem-se que os impasses psíquicos dos sujeitos contemporâneos são distintos das desordens mentais que afligiam os indivíduos na antiguidade. Diante disso, é relevante a compreensão de como o indivíduo em si, e como o mundo que o circunda foram modificados. Ademais, é importante enfatizar que "os quadros clínicos na atualidade possuem uma ancoragem central na problemática narcísica" (AQUINO; ASSIS, 2016, p. 307). À vista disso, pode-se dizer que:

as neuroses de antigamente, representadas por culpas, ansiedades, fobias ou obsessões incapacitadoras, não são comumente vistas hoje em dia. Vejo, pelo contrário, mais pessoas que se queixam de depressão; elas descrevem uma ausência de sentimentos, um vazio interior, uma sensação profunda de frustração e de insatisfação com o que logram realizar na vida (LOWEN, 1983, p. 10).

Nesse sentido, pode-se compreender que houve uma notória mudança nos quadros clínicos, principalmente, no que se refere aos impasses psíquicos. Na contemporaneidade, evidencia-se uma nova configuração subjetiva, assim, grande parte dos sintomas neuróticos clássicos:

[...] deram lugar às desordens narcisistas que são mais coerentes com uma sociedade permissiva e também mais eclética em suas manifestações, como a que vivemos na atualidade. Os pacientes não sofrem tanto de sintomas fixos e exuberantes na sua forma, mas, sim, de perturbações vagas, sentimento de vazio e uma queixa freqüente que se reflete na incapacidade de sentir as coisas e as pessoas (LAZZARINI; VIANA, 2010, p. 270).

Pode-se dizer, desse modo, que a subjetivação na pós-modernidade remete a negação de tudo o que é externo ao indivíduo. Apesar do contínuo sentimento de vazio, o sujeito sente-se mais satisfeito quando permanece isolado em seu mundo interior. Diante disso, evidencia-se uma subjetividade mais narcísica.

É importante ressaltar, a princípio, como a sociedade, no geral, têm se modificado e apresentado diversas características narcísicas. Entre elas, tem-se a fluidez de valores, a fragilidade das relações sociais, a futilidade dos laços afetivos, a individualidade, a preocupação demasiada com a própria imagem, o egoísmo e a ausência de empatia em contraposição ao investimento no próprio eu. Assim, nota-se que “o impacto desta evolução produz configurações subjetivas fundamentalmente frágeis, seguindo uma lógica narcísica de onipotência e de não referência ao outro (KEGLER, 2006, p. 2). Consoante Zygmunt Bauman:

A modernidade atual [...], configura-se num apelo à velocidade, à constante produção, ao contínuo consumismo. Os objetivos a serem perseguidos são frágeis e mudam com muita freqüência. O mundo contemporâneo é recheado de interrupção, instantaneidade, incoerência, surpresa e permeado de estímulos que são constantemente renovados. Desta forma, “nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’” (BAUMAN *apud* KEGLER, 2006, p. 10).

Desse modo, evidencia-se a “Modernidade Líquida”, os sujeitos contemporâneos não

estão adequados ao que é durável, estável ou sólido, mas sim a tudo aquilo que é efêmero. Há uma visível incapacidade frente a permanência, e ao mesmo tempo, os indivíduos emergem em sua própria autonomia, focando apenas no seu próprio eu, em contraposição aos valores sociais e morais (comportamento muito semelhante ao narcisismo). Assim, observa-se a queda das atitudes éticas pela fluidez dos valores, a fim de atender aos interesses pessoais, aumentando, assim, o individualismo. A partir dessa perspectiva, acredita-se que:

na contemporaneidade há o desinvestimento no mundo externo. O problema no laço social é a impossibilidade que as pessoas têm hoje, de investir na realidade e no outro. As pessoas ficam presas às fantasias e em si mesmas, no individualismo. O que é bem próximo do Narcisismo proposto por Freud (FERREIRA; BARBOSA, 2018, p. 14).

Consoante Kegler “nesta sociedade autônoma, não há mais regras claras a seguir ou modelos padrões de comportamento, pois cada indivíduo decide tudo sozinho, segundo seus próprios valores e não mais de acordo com um valor socialmente compartilhado” (2006, p. 13). Assim, o sujeito, ao estar imerso nesse panorama líquido, acaba por acentuar a ausência de empatia, tendo como fim último o próprio eu, além da despreocupação com a duração dos seus vínculos sociais.

De acordo com Bauman, “o mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso” (2014, p. 16). Nesse sentido, pode-se concluir que a indiferença para com o seu semelhante é uma conduta narcísica extremamente presente na atualidade, principalmente no que se refere à defesa de valores ou desejos pessoais.

Outro ponto relevante da cultura atual é a ausência de limites, assim como os narcisistas, os indivíduos contemporâneos não medem esforços e nem consequências para conquistarem o que desejam, e chegam, inclusive, a utilizar outros sujeitos para a obtenção de tudo o que almejam. Para Kegler, “os sujeitos sentem-se livres das limitações, livres para agir conforme os seus próprios desejos [...]. Não há mais limites à satisfação” (2006, p. 16). Por conseguinte, a sociedade atual é marcada pelo imediatismo, ou seja, pelo intenso valor atribuído ao prazer instantâneo. Esse fato, por sua vez, notabiliza a fluidez vivenciada na pós-modernidade.

Não obstante, o “[...] desesperado anseio pelo perfeccionismo corporal e o acentuado investimento narcísico onde o ganho de músculos define o indivíduo, qualificando-o como bom ou ruim capaz ou incapaz, [também] prende o indivíduo aos imediatismos” (*et al. apud* Cadernos da Fucamp, v.18, n.36, p.35-50 /2019

WIECZOREK, 2016, p. 25). Nesse sentido, a conduta narcísica claramente ultrapassa os parâmetros do imediatismo, focalizando-se, também, no investimento na imagem do próprio eu. À vista disso, Lowen esclarece que:

é um sinal da tendência narcisista de nossa cultura que as pessoas tenham se tornado superenvolvidas com suas imagens. A preocupação atual com o corpo reflete, em parte, essa atitude narcisista, como assinalou Chistopher Lasch [...]. Para muita gente [...] o objetivo do programa de exercício é ter um bom aspecto (não sentir-se bem), de acordo com o atual padrão da perfeição. Essas pessoas querem um corpo esguio, rijo, firme, capaz de funcionar como uma máquina eficiente, sob o comando da vontade. Ou podem ter em vista uma qualidade estatuesca, o corpo de um jovem Adônis ou de uma Vênus [...] isto é um empreendimento narcisista, nocivo à saúde mental e física (LOWEN, 1983, p. 40).

Vê-se, diante disso, que o indivíduo pós-moderno permanece na procura insaciável pela perfeição corporal, visto que se preocupa de maneira exagerada com o seu aspecto diante da sociedade. Para Carvalho, “[...] as sociedades atuais envolvem-se numa corrida vertiginosa em busca de um tipo específico de beleza física, de uma aparência ideal, codificada por sua vez a partir da produção de um padrão de beleza dominante” (2014, p. 32). Por meio dessa análise, é válido esclarecer, ainda, que:

a constante metamorfose do corpo, manifestação da busca pela meta impossível desvela a não constituição de um Eu sólido, resultando em uma identidade fragilizada que busca sustentação concreta no exterior. Existem lacunas na história de suas identificações e na construção de sua própria imagem, carregada de investimentos desde a relação com os objetos de identificação (HORNSTEIN *apud* WIECZOREK, 2016, p. 25).

Os impasses relacionados a beleza física estiveram presentes na problemática do narcisismo desde os primeiros estudos sobre o tema, assim, destaca-se mais uma conduta narcísica que é facilmente observável na atualidade, seja por meio do excesso de exercícios físicos, cirurgias plásticas, uso de anabolizantes, ou quaisquer outros meios para a súbita alteração facial ou corporal.

Por outro lado, no que tange a mudança singular do indivíduo na pós-modernidade, é imprescindível a observação a destruição dos arquétipos de autoridade paternal. Os pais, atualmente, têm um compromisso exorbitante em agradar seus filhos e, em contraposição, possuem uma grande dificuldade em impor limites, dado que os limites, muitas vezes, implicam no distanciamento das crianças. Assim, a educação fornecida aos indivíduos, desde a infância, agrava a situação narcísica.

Nessa perspectiva, tem-se um estudo europeu divulgado na revista PNAS, em 2015, que evidencia como o narcisismo e a educação parental possuem relações, uma vez que os pais sobrevalorizam seus filhos (GALINDO, 2017). Desse estudo, infere-se que os filhos se julgam especiais e desenvolvem uma noção de superioridade em decorrência do excesso de elogios que recebem dos pais. Brummelman alega que o que deve ser cultivado é a autoestima, por meio do equilíbrio entre a demonstração de carinho e a imposição de limites, a fim de que a autoestima não seja confundida com o narcisismo (BRUMMELMAN *apud* GALINDO, 2017).

Os sujeitos crescem voltados totalmente para si próprios, não aceitam frustrações ou ideias contrárias às suas, são despreparados para enfrentar desafios, imediatistas e vulneráveis. Dessa forma, há a perda da sociabilidade e a imersão da individualidade narcísica por intermédio da proteção demasiada. Diante disso, entende-se que a sociedade contemporânea apresenta “[...] muitas fragmentações, ausência de limites e abundância de paradoxos que passaram a influenciar tanto o social quanto o psiquismo humano” (LANGARO; BENETTI, 2014, p. 199).

Por conseguinte, vê-se que hoje em dia a sociedade é marcada pelo egocentrismo e composta, em sua grande maioria, por indivíduos pouco empáticos e completamente individualistas. É um momento de total valorização da própria imagem, onde os sujeitos necessitam, a todo momento, de atenção, admiração e reconhecimentos exacerbados. Vive-se, hoje, na era daqueles que não admitem erros ou frustrações, são exibicionistas e querem ser, muitas vezes, o centro da atenção. Por conseguinte, tem-se a precarização dos vínculos afetivos e a plena desconstrução dos valores sociais.

Evidencia-se, dessa forma, a notória equivalência entre as características supracitadas e as condutas narcísicas apresentadas no primeiro capítulo desse artigo. Os sujeitos contemporâneos, assim como os narcisistas, investem toda a sua libido em seu próprio eu, são egoístas, exibicionistas e apáticos. Além disso, demandam demasiada admiração, possuem um sentimento elevado de grandiosidade em relação a outros e são capazes de realizar qualquer ato ímpio para supervalorização da sua própria imagem. Diante disso, comprova-se que os comportamentos vigentes na sociedade pós-moderna fogem dos padrões da normalidade, e podem ser observados através de uma perspectiva patológica diretamente relacionada à existência da subjetivação narcísica.

Em última análise, faz-se necessária a verificação de como as condutas narcísicas se apresentam na pós-modernidade frente ao avanço da tecnologia, haja vista a maior possibilidade de propagação do narcisismo já existente. Nesse contexto, é importante lembrar que as práticas

narcísicas se tornaram um problema social da cultura contemporânea, que fomenta o narcisismo inato de cada indivíduo por meio do incentivo ao egocentrismo. A sociedade pós-moderna é estimulada pela busca insaciável da "perfeição" imposta pelas mídias e pela promoção da própria imagem nas redes sociais, diante da intensa necessidade de aprovação (PETRELLA, 2016).

As redes sociais, certamente, refletem o avanço dos comportamentos narcísicos, através da constante divulgação de "selfies" e atualização de inúmeros "status" que transformam a realidade cotidiana em eventos extraordinários. Na sociedade do espetáculo, os sujeitos necessitam, a todo momento, de reconhecimento e admiração, anseiam por inúmeras curtidas em suas fotos divulgadas, e criam um cenário de competição, onde o vencedor é aquele que tem mais "likes". Ademais, um auxilia o outro a se expor, no mesmo instante em que um deseja que o outro seja inferior para que possa se autoadmirar ou ser admirado como um indivíduo superior aos outros (PETRELLA, 2016).

Em outras palavras, os sujeitos buscam o "self ideal". As redes sociais funcionam como vitrines que denotam o "eu ideal" de cada indivíduo. Por meio delas, as pessoas emergem em uma realidade fictícia, próxima daquilo que elas realmente gostariam de ser, e, conseqüentemente, são vangloriados. Desse modo, nota-se, além da ascensão das práticas narcísicas, a perda inevitável dos valores humanos, em uma sociedade onde a autopromoção nas redes sociais e a exposição da beleza corporal possuem um valor superior ao caráter e a subjetividade de cada indivíduo como ser humano. À propósito disso, Lowen destaca que:

quando a riqueza ocupa uma posição mais elevada do que a sabedoria, quando a notoriedade é mais admirada do que a dignidade, quando o êxito é mais importante do que o respeito por si mesmo, a própria cultura sobrevaloriza a "imagem" e deve ser considerada narcisista (LOWEN, 1983, p. 9).

Perante o exposto, é válido salientar que nem todos os indivíduos que divulgam "selfies" são narcisistas. Porém, uma pesquisa, efetuada por dois membros da Pontifícia Universidade Católica do Chile (Daniel Halpern e Sebastián Valenzuela), apontou que os sujeitos que se autorretrataram durante o primeiro ano da análise manifestaram um acréscimo de 5% no nível de narcisismo em relação ao segundo ano (GALINDO, 2017).

Para Halpern, as redes sociais influenciam na personalidade dos indivíduos, visto que os conteúdos divulgados permitem que os outros vejam apenas aquilo que é desejado, ou seja, uma falsa realidade. Ademais, a imagem "perfeita" que os indivíduos acreditam transmitir pode alterar a imagem que eles têm de si próprios. Logo, o ato de autorretratar-se pode alimentar o

comportamento narcisista (HALPERN *apud* GALINDO, 2017).

Além disso, as mídias sociais influenciam na ascensão dos comportamentos narcísicos por meio do agravamento da indiferença com o próximo. Comumente, os indivíduos optam pelo vazio proposto pela comunicação à distância. Assim, as relações presenciais são banalizadas e os laços sociais são fragilizados, visto que as redes sociais aproximam os indivíduos virtualmente na mesma medida em que os afastam das relações verdadeiramente humanas e presenciais.

No entanto, é importante compreender que não são só as mídias sociais que propagam as condutas narcísicas, os próprios aparelhos tecnológicos, a exemplo dos smartphones, funcionam como obstáculos diante da sociabilidade e interação presencial e como estímulos para a ausência de empatia e foco restrito ao próprio ego.

CONCLUSÃO

O termo "narcisismo" foi originalmente utilizado para explicar o comportamento do indivíduo que se sentia atraído, sexualmente, por seu próprio corpo. Em 1914, por meio da teoria psicanalítica, pode-se constatar que o narcisismo estaria presente no desenvolvimento de todos os indivíduos, mas poderia tornar-se uma patologia por uma série de fatores que estariam relacionados ao exagero e aos eventuais prejuízos no âmbito social. Além disso, Freud observou que o narcisismo primário seria o investimento da libido no próprio eu, na fase autoerótica do indivíduo, enquanto que o narcisismo secundário seria o retorno do investimento da libido ao ego, após ser dirigida aos objetos externos.

Por meio de vários estudos, foram diagnosticadas uma série de práticas narcísicas, entre elas, pode-se citar a exorbitante necessidade de reconhecimento e admiração, a ausência de empatia, a utilização de outrem em benefício exclusivamente próprio, o investimento exagerado no próprio eu, a supervalorização da própria imagem, a indiferença com o próximo, entre outras. Diante dessas condutas, é inevitável a ascensão da desumanização, visto que a humanidade requer atos de benevolência e amor ao próximo.

A sociedade atual sofreu várias modificações, que afetam diretamente na constituição do psiquismo dos indivíduos, dessa forma, nota-se que os impasses psíquicos atuais já não são mais os mesmos de décadas atrás. Os indivíduos encontram-se dominados pela fluidez de valores, são focados somente em si próprios e na sua autopromoção, vivem isolados socialmente e ignoram a relevância da empatia. Esses comportamentos, por sua vez,

ultrapassam os limites da normalidade e devem ser verificados como possíveis quadros patológicos, uma vez que se aproximam das condutas narcísicas, em virtude de uma sequência de atos que vão desde a falta de empatia ao exagerado investimento e promoção da própria imagem por meio das redes sociais.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Alexandre Ribeiro; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa de. **Narcisismo: subjetividades contemporâneas**. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/52979813-Narcisismo-subjetividades-contemporaneas.html>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

ARAÚJO, Maria das Graças. **Considerações sobre o narcisismo**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010034372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 mai. 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Trad.: Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CARDOSO, Vanessa Silva et al. **Narcisismo na Contemporaneidade: Caracterização e Desafios da Prática Clínica**. Psicologado. Edição 02/2019. Disponível em <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/narcisismo-na-contemporaneidade-caracterizacao-e-desafios-da-pratica-clinica>>. Acesso em 9 Mai 2019.

CARVALHO, Paulo Roberto de. **Tédio: o cansaço do viver**. Londrina: Eduel, 2015.

FERREIRA, Paula Naiana Heydt; BARBOSA, Mônica Adriane. **Narcisismo e laço social: um estudo sobre as subjetividades contemporâneas**. Disponível em: <<http://revistapontes.com.br/wp-content/uploads/2018/02/6.-Paula-Naiane-e-Monica-Barbosa.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2019.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALINDO, Cristina. **Vivemos na era do narcisismo. Como sobreviver no mundo do eu, eu, eu**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/03/cultura/1486128718_178172.html>. Acesso em: 30 abr. 2019.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KEGLER, Paula. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica: novas configurações subjetivas na contemporaneidade**. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/68.pdf>>. Acesso em: 6 mai.2019.

KURY, Mario da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LANGARO, Flávia Nedeff; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. **Subjetividade contemporânea: narcisismo e estados afetivos em um grupo de adultos jovens**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200012>. Acesso em: 13 mai. 2019.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. **Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea**. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000200003>. Acesso em: 27 abr. 2019.

LE POULICHET, Sylvie. O conceito de narcisismo. In: NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LOWEN, Alexander. **Narcisismo: negação do verdadeiro self**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

MARCOS, Cristina Moreira. **A introdução do narcisismo na metapsicologia e suas consequências clínicas**. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/1566/1139>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

MOURA, Joviane Aparecida de. **Introdução ao Conceito de Narcisismo**. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/introducao-ao-conceito-de-narcisismo>>. Acesso em: 5 mai. 2019.

PETRELLA, Michael. **Narcisismo e redes sociais**. Disponível em: <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/narcisismo-e-redes-sociais/>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

SAMPAIO, Eloy San Carlo Maximo. **Elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico: contribuições do conceito de narcisismo**. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/52654629?utm_campaign=android-arquivo?utm_medium=mobile>. Acesso em: 01 mai. 2019.

WIECZOREK, Rodrigo Traple. **Da academia para o divã: reflexões sobre o narcisismo**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141303942016000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 mai. 2019.